

O SEMANARIO.

ORGÃO DOS INTERESSES PUBLICOS

Por semestre 5\$000.

EDICTOR A. J. DO AMARAL SOBREIRA

Por trimestre 3\$600

ANNO VIII

THEREZINA 14 DE ABRIL DE 1883

N. 295

O SEMANARIO

Therézina, 14 de Abril de 1883.

O Sr. Dr. Manoel Hldefonso de Souza Lima, juiz de direito desta comarca.

Vamos com vagar e toda prudencia.

O Sr. Dr. Souza Lima perdeu a cabeça, e com gente dessa ordem não se brinca.

A «Imprensa» que se dizia órgão do governo, transformou-se, certamente, em um papel nojento, a especie de jornal, representando, apenas, um arsenal de insultos e desafetos, lançados contra aquelles caracteres, que não se rebaixão, queimando o podre insenso da lisonja á influencia, e autoridade de um tal juiz.

Constituiu-se o Sr. Dr. Souza Lima o seu principal redactor, e isto basta para dizer-se, que ella sumio-se nos confins da injuria, e da explosão das mais viz paixões.

Previmos a desgraça, que a aguardava nos ultimos instantes de sua peregrinação.

Em um dos numeros passados d'este periodico aventuramos esta proposição. E' que tinham a certeza do descomedimento e excessos do Sr. Dr. Souza Lima, seu novo redactor. Elle é o mesmo homem de 1874—de todos os tempos.

Com as armas da calumnia e do em buste, escudado na posição, que, por desgraça desta terra, occupa entre nós, assalta S. S., furiosamente, a honra, e a reputação do nosso amigo conego Thomaz. Não nos surprehe de o Sr. Dr. Souza Lima, por q' já o conhecemos bastante, para sabermos, que uma vez contrariado em suas pretensões desarrezoadas, em seus desregramentos, não vacilla um instante em arremetter contra o proceder d'aquelles, cuja severidade de costumes não pode imitar. Sempre irascivel, e sobre tudo rancoroso, investe, contra o adversario, contra o juiz, contra o cidadão, que tem a franqueza de dizer-lhe a verdade, ou oppor-se aos seus planos sinistros.

Na imprensa, na cadeira de advogado, no seu papel de politico, se há revelado, sempre, o Sr. Dr. Souza Lima o mesmo homem enfezado, intolerante, temerario e vingativo!

A sua vida publica nesta provincia, onde tem S. S. exercido diversos cargos, é uma prova inconcussa desta nossa asserção. Como jornalista, vemol-o, arrastando as discussões ao terreno pessoal, e sempre acommettendo a fama, a probidade dos seus contrarios! Como advogado, eil o indignado contra o juiz, que não atende as suas razões, ou não favorece a cauza do seu constituinte, e por isso ferindo-o, com malicia, em sua honra! Como politico, então, temos o homem rebelde aos conselhos da boa razão e da justiça.

Não podiamos, portanto, escapar do corte de sua malignidade. Estamos sob o peso do seu máo genio. Damos publicidade aos seus feitos, e logo tocou S. S. ao cume do desespero, buscando envolver-nos em uma questão, só propria do homem sem brios e sem criterio.

No dia 7 do corrente publicou a «Imprensa» e cobrio-nos de pungentes insultos, injurias, e calumnias! Estgotou o vocabulari das miserias humanas, para nos deprimir! Sim; a imprensa do governo abandonou o seu posto, e occupou-se, somente, em insultar nosso amigo conego Thomaz, em satisfação dos odios do Sr. Dr. juiz de Direito!

Sr. Dr. Souza Lima, convença-se, de que o cavalheiro que se preza, não procede com tanta vileza!

Ponha em acção, Sr. Dr. toda a actividade do seu genio turbulento, e não conseguirá afastar-nos dos caminhos do justo e do honesto.

Nesse papel, a guisa de jornal, Sr. Dr. não vemos mais q' uma pasta nauseabunda da baba pestilenta da pustula envenenada. Não lhe tocaremos. Infecte ella a nossa sociedade por conta da corrupção que a produziu.

Quem assim porta-se decae, de certo, do conceito dos homens de bem; desaparece das vistas do mundo social, e velozmente, perde-se no meio do desprezo publico, como a pedra que rola do cimo da montanha, e vai sumir-se no vale profundo atolada, no lameiro das imundicias e lixo, pelas aguas, apodrecidos.

Fiquem se lá... chafurdem se; e receberão o premio que merecem.

A nossa missão é mais nobre, mais elevada.

Antes, porém, seja-nos permitido dizer ao Sr. Dr. Manoel Hldefonso de Souza Lima, que não confie tanto em seu poder—não zombe desta forma do bon senso, e dos seus concidadãos, que, de perto, o conhecem. Não se illuda S. S. por que os meios officiaes, de que, hoje, dispõe, para nos injuriar e perseguir, de momento, lhe fugirão dos maos ao sopro do vento da adversidade politica, como ligeiramente, caíram os muros de Jerrecó ao som das trombetas de Josué.

Corta-se-nos o coração—dõe-nos no intimo d'alma ver a imprensa da provincia degradada por um magistrado, que devia ser o primeiro em manter a ordem, como fazer respeitar os principios da mais severa moralidade!

Erga-se, Sr. Dr. Souza Lima; colloque-se na altura de um defensor intrepido dos direitos do cidadão, de um guarda fiel da lei, de um ministro da justiça.

Nós o conjuramos ao cumprimento dos seus deveres, a pratica do bem, ao respeito sagrado, que o homem publico deve a sociedade, cujo progresso e civilização estão confiados a pureza dos seus sentimentos, e a integridade do seu patriotismo.

Podemos salvá-lo, ainda; sirvão-

lhe estas nossas palavras de uma mão amiga que se lhe estende, para suspender-o do charco dos convicios.

Que bem lhe resulta, Sr. Dr. Souza Lima, da diffamação, de que se occupa, da pessoa do nosso amigo conego Thomaz?

Que proveito vem a sociedade esse seu excesso de linguagem, esse prorido de affrontas?—

Não vê S. S. que representa um papel de detractor, e que sugeita-se desta arte a ser o alvo da mais forte represalia?—Que direito tem S. S. de offender sem ser offendido! *Quod tibi non vis fieri, alteri non facias.*

Não vê o Sr. Dr. Souza Lima que dá um máo exemplo, e por conseguinte, de funestas consequencias? E não sabe elle que desgraçado do homem por quem vem o escandalo?

Oh! sim! por honra e dignidade propria da classe, a que pertence, Sr. Dr. não arraste mais a toga de magistrado pelo chão immundo da iajuria, e da calumnia.

Pense, reflecta:

O homem é a obra mais perfeita do Creador, e por isto, sempre susceptivel de aperfeçoar-se.

Esqueça seu passado de triste recordação. Se por falta de pessoal, é forçado a redigir o jornal de seu partido, com quanto seja isto de summa inconveniencia, faça-o, seriamente, por que como vai, é um verdadeiro desastre. Tome o Sr. Dr. Souza Lima este conselho salutar; e antes que se corrija, digamos ao publico que S. S.—hoje, na redacção desse periodico—a «Imprensa» é aquelle mesmo de 1874, isto é, injusto e violento, feroz aggressor da reputação dos seus iguaes.—E neste caso só lhe daremos a resposta, que lhe deo o Sr. Dr. Simplicio Coelho de Resende, n'aquella época, quando experimentava os rigores da sua crueldade.

São estas as suas palavras, que em tudo nos satisfazem....

.....
«Quanto ao que a respeito de tal questão de mim disse—a *descarada Imprensa*,—só me convinha uma resposta, e era, chamando-a a responsabilidade, castigar com as penas da lei aos viz detractores; mas, conhecendo por experiencia que entre nós a *responsabilidade de imprensa é uma burta*, deixo que esse *immundo pasquim*, *vehiculo da diffamação* continue na infeliz missão á que é destinado; e mal me reputarei no dia, que ella disser bem de mim!»

Córe, Sr. Dr. Souza Lima, lendo estas palavras, e confunda-se diante do Sr. Dr. Simplicio Resende, que lhe paga, agora, com a generosidade de verdadeiro christão.

O juiz de direito desta capital, o Sr. Dr. Manoel Hldefonso de Souza Lima.

No enfadonho trabalho de abater os creditos deste jornal, e deprimir a

pessoa do conego Thomaz, o Sr. Dr. Souza Lima não escolhe meios, e em termos tão indecentes quanto injuriosos, mostra a evidencia a perturbação do seu espirito, como a maior deslealdade em sua argumentação! Sem discipção e sem criterio dispara no campo das devagações, não guardando ao menos as regras de mera civilidade, que não esquece o homem do respeito.

Outra cousa não era de esperar-se do Sr. Dr. Souza Lima, porque, de continuo, dominado pela violencia e irascibilidade de seu genio, jamais discutio nos justos limites da decencia e do decoro. As armas favoritas, que sempre esgremio contra os seus antagonistas, forão os doestos, a injuria, e a calumnia! A sua falta de sinceridade nas lides da imprensa é de todos os tempos.

Em 1874, quando S. S. recebeu o emprego de Gerente da Companhia de navegação á vapor com a condição de redigir o jornal da opposição, que é o mesmo de hoje a «Imprensa» de tal modo se houve no seu serviço alagado, que, lançando-se, furiosamente, contra a situação conservadora, esta, pelo seu illustre co-religionario, Dr. Polidoro Burlamaque,—principal redactor do seu órgão—«Opinião Conservadora» assim o retratou:

.....
«Deveras que não faz gosto argumentar-se com um dialecto da forçada do Sr. Dr. Souza Lima, cuja pedantaria, posto que de ha muito conhecida, ninguém suppunha chegar a tamanha altura.

Todavia confessamos a arduidade da empresa em que se meteu o redactor da «Imprensa» o qual assumindo o papel de critico, que não é dos mais facéis, tanto dividiu e subdividiu que, afinal, estragou este poderoso instrumento da analyse—a divisão—e perdeu-se na confusão de que falta Seneca:

Confusum est, quidquid in pulverem sectum est.

«Quer se o considere no papel de critico, onde elle fica abaixo do bôbo de comedia, quer se o aprecie no de simples argumentador, onde elle a cada passo tropeça, o Sr. Dr. Souza Lima é de uma deslealdade consummada, e de uma audacia a prova de bomba.

.....
«E como se algum duvidasse da perturbação do seu intellecto, desenrola um panorama de loucura, em que cada vez mais se complica.»

Assim é; mas, por isto, não nos é licito deixar de responder as accusações que nos faz, o Sr. Dr. Souza Lima, para que o publico inteirado da sua força—dê a cada um o que de direito lhe pertence.

Pelo que escrevo o Sr. Dr. Souza Lima, na presente questão, vê-se que elle quer enlaçar a nossa sociedade e todos que nos lerem.

Fingindo-se um homem moralizado e de costumes irreprehensíveis, ataca S. S. a pessoa do nosso amigo conego Thomaz, e a este faz responsavel por um pasquin que foi destruido, nesta cidade, na noite do dia 1.º do corrente, contra o ex-chefe de policia desta provincia, o Sr. D. Luiz, victima, talvez, de sua má fé!

Oh! quando assim o vimos nas columnas da «Imprensa» de 7 deste mez, pareceu-nos que diante do publico se apresentava uma creatura possuida de uma idéa aterradora, que com passos vacillantes, pretendia atrahir a attenção de todos, mas logo verificamos ser um phariseu coberto com os andrajos da hypocrisia.

Não nos causou especie, pois, é certo, que a sua imaginação está á mercê do assalto da calumnia. Venha mais esta... Já dissemos que de S.S. esperamos o que ha de peor. O tempo dirá.

Alto lá, Sr. Dr. Souza Lima; o papel de pasquinheiro está destinado á imprensa do governo. Não somos homens das tretas. Não nos julgue por si, porque corre risco de ser desmascarado, e cair no ridiculo.

Foi S.S. mesmo, segundo affirmão, quem ha poucos dias, em 26 do mez passado, fez imprimir, e distribuir alta noite em toda esta cidade, um pasquin defendendo-se da accusação, que lhe fazia o alferes Herminio, no qual levantava-nos a calumnia, que combatemos.

Esse papel terminava assim: *Pobre-pinto que perdeste a vida!*—Esse escripto tinha por epigraphe—«Scena burlesca»—a qual S. S. trocou por «Plano frustrado» e faz elle, hoje, parte do corpo de sua defeza!—Não poderá contestal-o, pois que os typos para esse fim, forão pedidos por emprestimo, a typographia dos Srs. Marinho Gil e Joaquim Sant'Anna, sob as nossas vistas.

A S. S., tambem, não houve, quem attribuisse as infamias, que, ha pouco tempo, forão escriptas em todas as paredes das casas desta cidade contra um seu co-religionario, de quem se afastara, por motivos, que a decencia manda calar, que deram em resultado represalia no mesmo gesto, na qual sendo injuriados os primeiros caracteres desta terra, era o seu nome envolvido, até—com.....? E o que havia, Sr. Dr. Souza Lima, em tudo isto de verdade?

Não seria uma offensa grave, feita a sua pessoa, se o «Semanaario» o conego Thomaz, aceitasse essa versão, e lhe dessem publicidade?

Factos desta ordem, Sr. Dr., não podem influir no animo do homem que pensa, e muito menos devem ser confirmados pelo juizo de pessoas, como S. S., que entretanto teve a coragem de nos dar a paternidade de um acto indecoroso! Está em seu papel.

Miseria humana!

Passemos a outro ponto, e apreciemos o Sr. Dr. Souza Lima, como versatil, no modo de encarar as questões. Não temamos o corvo que vò, vai longe e volta, rapidamente, pairando em roda, até arrancar as entranhas da victima.

Pede o Sr. Dr. Souza Lima ao conego Thomaz, explique o *endereço misterioso* do «Expediente deste periodico, n. 268 de 7 de outubro do anno findo. Seja feita a sua vontade, ainda que saibamos, que as nossas palavras não cairão no seu espirito. O Sr. Dr. Souza Lima, como ou-

tros, pensa, que nos referimos a um illustre cavalheiro, a quem aliás muito consideramos.

Não ha tal. Quem quizer venha a esta officina, e lhe mostraremos o otographo do individuo, que servindo-se deste periodico, nas circunstancias, ali, indicadas, incorreu na censura, que então lhe fizemos.

Fomos victimas de uma falsa apreciação.

Vamos adiante.

Sr. Dr. Souza Lima, permite a expressão? Tolerè-a. S.S. não reflecte no que diz, ou não tem consciencia do que faz.

Foi o Sr. Dr. Souza Lima, que, para dessacreditar esta folha, transcreveu algumas palavras do Sr. Dr. Polidoro, e como com o juizo deste mesmo á seu respeito lhe respondemos, vem, agora, com arrogancia e em tom ameaçador impor-nos, não revoltamos o passado! E tarde!

Como, para ferir mais o nosso amigo conego Thomaz, transcreveu o Sr. Dr. Souza Lima, um artigo da «Epoca»—de 1878. Está em seu direito.

O conego Thomaz tem, é verdade, soffrido dos seus proprios; já todos sabem disto, e pouco importa-lhe, que a publicação alludida seja do Dr. Polidoro, ou de outro qualquer co-religionario: por este motivo não lhes vota odio, e nem lhes deseja mal.

Mas, Sr. Dr. Souza Lima, não está S. S. sob a mesma pressão? Pensassem os seus co-religionarios, a maioria dos liberaes desta capital, como o conego Thomaz, já não haveriam rompido, pela imprensa, contra a sua politica, que dizem, ser desastrada? Elles, já não abandonaram o campo?

Não vive S. S. em completo desamparo, sem forças para fazer frente ao adversario? Quem o apoia? Por que se absteram os liberaes das urnas no 1.º e 2º escrutinio para as eleições municipaes? Ignera?

Nós lhe diremos aquillo que todos sabem. O grosso do partido liberal recolhè-se ao silencio, por não querer snguitar-se ás suas ordens, nem tão pouco aceitar a sua direcção. E' esta a verdade.

Em certos casos o silencio vale mais que as palavras.

Não tivesssem os seus co-religionarios tomado este alvitre, e S. S. já haveria passado pelos mesmos crivos, que o conego Thomaz; e é bem possível, ou mesmo, certo que não estaria na posse de uma typographia, na qual vive insultando, diariamente, o mundo inteiro, em desabafos de suas paixões, em satisfação dos seus odios, em proveito proprio.

Esta é a vida, Sr. Dr. Souza Lima; tome juizo, e não considere, por esta cauza, o conego Thomaz um leproso, por que a sua sorte ainda é mais precaria.

Assim vai a barca, Sr. Dr. do vento em prò; evite os escolhos...

O Juiz de direito d'esta capital Manoel Hedefonso de Souza Lima, está des-coberto.

MENTIRA!

Quando o cynismo se infiltra na alma do homem, como o ar nos pulmões, é a mentira partida dos seus labios crestrados pela calumnia, com a mesma facilidade com que um justo pronuncia a verdade mais reconhecida!

E' a mentira a compauheira fatal do espirito torturado pelos remorsos; a mascara

de papelão com que se pretende occultar ao publico, o rosto marcado pelo ferrete do crime; e quasi sempre o aflujo de dois gumes, que resvalando sobre o asendo da verdade, vem ferir a livida fronte do cynico, que o maneja, derribando a mascara negra que esconde seus negros sentimentos.

E' o mentiroso o mais audaz de todos os homens affeitos a pratica de todos os vicios, e dotado de uma imaginação admiravelmente fertil, e summamente engenhosa; com a maior facilidade inventa 10 mentiras successivas, se forem necessarias, para sustentar a primeira, destruida, pelos golpes da verdade.

Antigamente se dizia—é mais facil se pegar um mentiroso do que um cozo—

Esses tempos, porém, já lá foram. Hoje, quando o mentiroso é de alto quilate social, a mentira mais revoltante cuspida de seus nojentos labios, é aceita por seus adoladores como verdade incontestavel, por que o interesse cego, e as conveniencias se cruzão, nos espiritos assombrados pelos resplandores do poder....

De forma, que pegar-se um desses grandes mentirosos, é mais difficil do que a uma corsa correndo sobre a escabrosidade dos alpes!

E, se por ventura, ha um temerario, que mnido das mais robustas provas, tenha o arrojo de apontal-o ao publico com o labéo que lhe assenta, o potentado, espumando de raiva, grita pela opinião dos seus humildes servos, que accodem pressurosos em seu favor, cobertos dos immundos andrajos da mais vil, da mais torpe adulação, e o altaneiro emissario da verdade, é apedrejado como calumniador!

E' isto que se observa todos os dias.

Na questão que este jornal tem sustentado com o Sr. Dr. Souza Lima, que em lugar de defender-se na «Imprensa», orgão de suas paixões, aggride injuriosamente ao Rev. conego Thomaz de Moraes Rego, e ao alferes Herminio, desde sua iniciação que o espectador calmo e imparcial deve ter observado a prova de nossa proposição; isto é: que o Sr. Dr. Souza Lima, com despejo, tem dito inverdades, tendo sempre em seu apoio um tal testemunho.

Consciente S.S. de que uma mentira sua é uma sentença, da qual não ha appellação nem aggravo, atreve-se com o maior desplaye a appellidar de mentirosos a todos os que, não receiando serem esmagados pelas suas patas de rhinoceronte, descobrem suas faltas ou defeitos.

Já na questão da licença do alferes Herminio o Sr. Dr. Souza Lima, avançando uma falsidade, foi preciso inventar outras para sustentar a primeira, que cahiram todas com a publicação de documentos não destruidos.

Não sendo susceptivel de emenda nem correção, no ultimo n. da cavilosa «Imprensa», o Sr. Dr. Souza Lima respondendo ao Rev. conego Thomaz, sobre a carta firmada por si a cerca da questão do juiz de direito das Barras, diz: «Contra tamanha calumnia de que só é capaz o conego Thomaz, ou outro deste jaez, só ha uma expressão significativa—mentira—»

E nós dizemos a S. S. que, depois de tantas já envolturas, tanta falta de senso e tanto arrojo que tem ostentado, só encontramos um qualificativo que pode mal traduzir os seus sentimentos, é a palavra:—«...O publico que qualifique.»

Lêa o publico o documento que se segue para melhor poder formar sua opinião a respeito desse juiz forçado a ir se tornando cada dia mais conhecido como *typo da virtude e exemplo da magistratura Brasileira.*

Quando dizemos—o publico,—nos referimos aos homens desta provincia, que não fazem côr com esses fracos, que formão a tal opinião publica, de que tanto cabedal faz o Sr. Dr. Souza Lima, quando, com todo descoco, tece a si mesmo toda sorte de elogios.

Oh! coragem! Oh! desfaçamento!

Do folheto—«Ligeira Analyse»—publicado em 1876, pelo bacharel Simplicio Coelho de Rezende, sobre os processos que soffrera nas Barras, accusado como autor do espancamento alli havido na pessoa do Juiz de direito Andrade, a pag. 49 lê-se:—«Theresia 16 de Janeiro de 1874—Hum. Ame. e Sr. capitão Antonio Narciso Xavier Torres—Com grande pesar recebemos a fatal noticia de haver sido espancado o nosso amigo juiz de direito, dessa comarca, doutor Joaquim José d'Oliveira Andrade, por dois sicarios que tentarão contra sua existencia a mandado do famigerado juiz municipal, Simplicio Coelho de Rezende. O directoria do partido liberal nesta capital cheio da maior indignação se ergue contra o algoz, e na estacada, conta que V. S. o coadjuvará nessa honrosa cruzada contra os autores de tão execrando atenta-

do, redobrando de actividade e esforços, para que com a repressão, a lei seja desafrentada e es nossos direitos garantidos.—Urge que V. S. se esqueça de qualquer resentimento que por ventura possa ainda ter ao nosso amigo doutor Andrade, ao menos por amor ás nossas ideias, pois assim o exige a união, boa ordem, e disciplina do partido.—Confiamos que V. S. nos auxiliará nessa nobre missão de enfraquecer e destruir a prepotencia do cynico (1) caricato mandão de aldeia, certo de que tudo quanto fizer em favor da cauza da victima será tido por nós na maior consideração.—Somos com verdadeira estima e consideração de V. S. patricios, amigos attenciosos e veneradores.

Manoel Hedefonso de Souza Lima.

(Estão reconhecidas as firmas).

E, então, Sr. Dr. Souza Lima, quem mentio, quem é capaz de uma grande catumnia?

S. S., ou o conego Thomaz?..

E' S. S. ou não um homem ferino e temerario?

Os homens de bem, o publico sensato que nos julguem; e se confundão aquelles que o apresentão, hoje, como um santo homem!

E' assim que o levaremos de veneida.

SECÇÃO LIVRE

Resposta dada ao Sr. Dr. Antonio Coelho Rodrigues pelo Sr. Dr. Manoel Rodrigues de Carvalho

(Continuação do n.º 294).

VIII

Tantas couzas são demais para um homem coberto de taes vicios q' a razão não possa admitir, ou então o effeito pôde exceder a sua cauza.

Tenho ouvido a varios amigos meus affirmarem que sou eu o homem que mais trabalha em Oeiras, e creio que isso é notorio. De manhã a noite, quando não ando em visita de doentes, sou encontrado trabalhando no meu consultorio: esta é a regra. Nunca deixo de acudir promptamente a qualquer chamado &.

A embriaguez e o jogo não occupão pois o tempo devido as minhas obrigações; e se a lê em mim pode achar horas vagas são aquellas que por violencia eu subtraio ao repouso dos meus membros cansados.

O que entenderá o Dr. por embriaguez? Será o facto de beber-se vinho? Ah... então S. S. é um grande bebado.

Uma vez por outra, raramente, tenho jogado o solo e marimba (jogos carteados) por distrahir-me, ou para dar prazer á amigos. Será a isto que o Dr. chama habito de jogo?

Ah... então ebrios e jogadores são os meus maiores parentes e amigos; ebrios e jogadores são os vultos mais proeminentes de nossa sociedade; ebrios e jogadores são todos os homens que tem recebido a influencia dos costumes com que a civilização moderna suavisa as penalidades da vida; o vinho regala o paladar de todos; todos jogão para passar o tempo. A esta regra eu não faço excepção: não sou ermitão das Thebaidas ou por ventura algum Selyta; e nem por isso envejo a gloria dos stoicos que, em desespero, rasgão as tripas ou diffamão seus proprios parentes e, á punaladas, arrancão a vida ou traiçoei-

(1) Cynicos são os infames caluniadores da honradez e pureza alheia, a quem ferem deshumanamente em satisfação a um espolito de partido—(Nota do autor).

ramente atacão a reputação de seus bemfeitores. Brutus e Catões! Christo vos reconheem nos Phariseus de Jerusalem, a quem chamou *sepulchros banquados por fóra e por dentro cheios de immundicia e podridão* — Brutus e Catões! *As formulas vans e as tradições pharisaicas* só em vós se conhece, é com ellas que arremedaes as virtudes do que careceis.

Não quero dizer que o Dr. tenha inventado essas cousas que me attribue. A medicina tom reconheceu visionarios que não atirão pedra, nem rasgão roupa; quem pode jurar que S. S. não veja dormindo ou acordado phantasmas de *negra fama* que escandalisem a pureza de sua alma angelica?!

Pois o heró de Servantes não accommeteo um dia um rebinho de carneiros; em seu furor não atacou o symbolo da mansidão, como se fossem inimigos dignos de morte?!

Entretanto D. Quixote não era douto.

Assim, porque me hei de admirar de que o Dr. veja *negra fama* nos arroubos de sua ira, e ameace de *morte moral* a antigos amigos que nunca o provocarão a combate?

Entretanto o Dr. era meu amigo, a despeito de sua pureza evangelica — tendo eu tão *negra fama*?

A tanto não chega a minha caridade: pode-se entreter com os de *negra fama* as relações exigidas por conveniências sociais, pode-se amal-os e fazer-lhes bem pelo amor de Deus, porque o motivo e a intenção moralisam o acto; mas não se pôde entreter essas relações sem deixar, quando outro motivo qualquer determina essa complacencia — como por exemplo, o interesse de obter votos para ser deputado.

E S. S. foi meu amigo em quanto eu quiz ser seu correligionario; e só o deixei de ser depois que eu me declarei em opposição a todo o candidato que não fosse francamente catholico!!

Portanto as acções que fazem *negra fama* não repugnão tanto aos sentimentos do Dr., o que de todo S. S. não pôde tolerar é que haja conservador que se opponha a perpetuidade de sua pretensão aos suffragios da provincia. E a prova está no facto de se ter conservado *meu amigo* em quanto de mim pode esperar.

Eu ja sabia d'isto muito antes que o Dr. me reputasse indigno de sua amizade: é uma razão de mais para que a sua animadversão não me possa matar de desgosto.

IX

« Não sou dos felizes que conservão a virgindade da alma e levarão a santa communhão do casamento á pureza e castidade das emoções. » Não pude pois gloriar-me de haver na campanha de Matto-Grosso recalcitrado contra a *lei de usança*, geralmente obedecida por meus companheiros d'armas, de *casar-se sem pregação e sem benção da Igreja*; e em confidencia sobre particularidade de minha vida, não occultei esta fraqueza ao meu parente e amigo de infancia, Dr. Coelho Rodrigues. E' por isto que hoje elle me lança em rosto o *haver exercido o concubinato* — com tão revoltante abuso de confiança. E' verdade que o exerci como tantos outros, e como o Sr. Dr. Coelho, embora de portas a fóra; mas não o fiz sob a capa de santidade, nem podia essa infracção dos mandamentos ser alegada como *razão* para que eu, á exemplo

de Santo Agostinho e de tantos outros, não pudesse depois aspirar no celibato a perfeição reconhecida nos conselhos evangelica.

Esta infirmitade dos mandamentos não me podia equiparar á *Frei Forjaz*; porque então, parecendo crante só porque respeitava a crença dos outros, eu a ninguém pregava a continencia; eu não era pois « apostolo do credo » e heróje dos mandamentos. « E Deus de mim não poderia dizer, *hic labilis me honorat, cor autem ejus longe est a me.* »

Foi só muito depois, no anno de 1869 que Deus me concedeu a graça de triumphar da paixão que me diz de S. Paulo perde o mando; e foi só então que eu me apresentei no templo como o filho prodigo, pedindo confissão e perdão para minhas faltas.

Depois, se por ventura os movimentos d'esta paixão poderão perturbar minha alma, é certo que nunca conseguirão impellir-me a pratica de actos vergonhosos, que escandalissem a sociedade, nem me conste que de tal tenha eu sido jamais accusado por pessoa alguma.

Que se pregue a sentença depois de se ter exercido o concubinato, comprehenda-se como se comprehende o arrependimento depois da culpa.

Mas, que depois de se ter deposto aos pés do ministro de Christo o fardo dos peccados, no tribunal da penitencia, se falte á fé conjugal, e se blaspheme da religião do Salvador, isso sim, Sr. Dr. é indecoroso, é indigno do homem de bem e christão, porque revela mudança para peor, saudades do mal, e obstinação no peccado.

Se não adoro a Deus em *espírito e verdade* como elle que ser adorado, também não escandalizo meus irmãos de crenças por desobediencia aos preceitos de nossa religião; ninguém pois tem o direito de afirmar que eu seja um *hypochrita, que a Deus honra com os labios tendo delle afasta do coração* — tanto mais quando não limitei as aspirações de minha fé a simples guarda dos mandamentos: ellas já me levarão até ao sa rifício.

A observancia do regulamento da sociedade de S. Vicente de Paula impõe sacrificios; sacrificio fiz promovendo nesta freguezia; nas de Pices Juicós e S. Raimundo Nonnato assignaturas para uma felicitação aos deputados e senadores que haviam defendido a Igreja por occasião da prisão dos bispos; sacrificio fiz promovendo por e-te mesmo tempo no recinto da faculdade de medicina do Rio de Janeiro uma outra felicitação aos bispos prezos — em menescabo da má vontade das lentes e dos diáconos e sarcasmo da estada de sen d'afroada; (10) sacrificio estou fazendo di-

(10) A felicitação das quatro freguezias mencionadas por mim redigida era subscripta por mais de tresentos indivíduos da primeira classe dos dous partidos reconhecidos na provincia, não tendo sido publicados os seus nomes por me observar o redactor do «Apostolo» a inconveniencia de n'isto occupar tantas columnas do jornal. Mas, tendo um dos colaboradores, Dr. Antonio Secioso Moreira de Sá, observando-me o perigo de ser eu reconhecido como o promotor de semelhante manifestação, em vista do espirito anterreligioso que se dava na faculdade, eu respondi-lhe: neste caso publique o meu nome somente, e, em parentesis, declare por baixo — *estudante do 5.º anno de Medicina*. E de facto assim se fez.

Essa felicitação vivamente applaudida pelos catholicos da corte, teve a honra de ser reproduzida espontaneamente pela redacção do «Apostolo», quando, no encerramento das

virgindade em politica de parentes e amigos in us e afrontando as iras de S. S.; sacrificio fiz pelos desventurados emigrantes, reconhecido e attestado pelos habitantes mais grados de Oeiras. Sem distincção de cor politica, em uma representação á presidencia da provincia solicitei remuneração dos meus serviços (e eu não os prestei por *philanthropia*).

« E' pelo facto que se conhece a arvore; » e S. Paulo diz que « a fé sem as obras é morta. »

Eu apresento publicas e inequivocas provas da sinceridade de meus sentimentos religiosos e o Dr. que provas já deu d'esses sentimentos para que pudesse sem desfiguração e petulancia vir affirmar que os tem mais vivos e mais sinceros que eu e averbar-me de *hypochrita e fiel á formulas vans e á tradições pharisaicas*? Com que titulo me reprehende de faltar á caridade, não tendo ainda sua caridade dado provas de sua existencia? A que sociedade religiosa pertence? O que já disse em favor da Igreja de Jesus Christo?

Es-a deflexão de alguns que axerem a offensa de S. S. a si arrogarem, não se applica a todas as outras sociedades que pretendem fazer alarde de sua capacidade e merecimento. Por ora me limitarei a perguntar-lhe: o que deve-lhe a humanidade? — O que deve-lhe o Brazil? O que deve-lhe o Piahy? O que deve-lhe a Sciencia?

(Continua.)

Ainda é cêdo.

No penultimo n.º da «Imprensa» deparamos com um artigo sob a epigraphe acima, cujo sentido nos deixou perplexos ou não o comprehendemos bem. Pareceo-nos uma nova ameaça do nosso Anselmo o tresloucado, d'este burlesco Dom Quixote, que tudo quer avassallar nesta infeliz terra.

Ainda é cêdo, porque? O que quer ainda este louco, ou antes esta furia, sahida dos infernos para desconto de nossos peccados?

Achará pouco as perseguições que tem exercido contra nós por todos os meios e modos, inclusive o caceté do sicario?

Será pouco também, nos dar como farceistas para assim occultar o attentado, que mandou commetter?

Não está satisfeito em nos enchevoadar da maneira atroz porque tem feito?

O que mais quer? Talvez um novo attentado, uma nova emboscada para nos tirar a vida.

Tudo é possível esperar de indole tão perversa, alma tão pequenina, coração rancoroso, genio enfezado e irascivel.

E' esteo traço característico de semelhante monstro, que só tem de humano a figura, porem as entranhas da fera.

O odio, e somente o odio, é o que transpira por todos os poros esta enlaidada maldade.

Um bello dia, ainda a voragem estourar de raiva, morrer de apoplexia fulminante ou ficar doído varrido pela colera concentrada.

Com certeza Anselmo soffre de hydrophobia e por saberem disto é que o temo e temem.

Não tambem receamos muito ser victima do seu humor, mas por isso não recuaremos, porque a verdade e a consciencia do dever nos dão forças para permanecer em nosso posto, seja quaes forem as consequencias.

Portanto, mais uma vez recebemos a ameaça de Anselmo e o esperamos resolutos em qualquer terreno.

Queer sabe se Anselmo, por estar com a faca e o quejo na mão, não pretende realizar

camaras, quiz de novo comprimentar os illustres defensores da Igreja.

Cento e cinco alumnos de Medicina subcreverão (com grande espanto da maçonica gente!) a felicitação que eu com outro membro da sociedade de S. Vicente de Paula, promovemos no recinto da Faculdade. Essa felicitação foi igualmente redigida por mim e eu fui o primeiro a subcrevel-a.

o plano, já uma vez tentado, o dos processos? Bem pode ser.

Mas porque? Acaso será porque repellimos os insultos de Anselmo na mesma altura e com igual energia?!

E com que direito este louco pode nos injuriar por todos os modos e nós não podemos fazer-lhe outro tanto em represalia?

Será porque o seu estado o isenta de responsabilidade?

Certamente que sim; mas não é o seu estado mental, e sim o seu estado social que lhe garante tal isenção; é que este idiota e orgulhoso pedante, só pode ser julgado em foro especial, onde conta como certa a absolvição.

Miseria das miserias! Mas então, este animal é peor que o tigre; porque, alem de tudo, é covarde, e o tigre não.

Sim covarde, porque o homem que aproveita-se das regalias e isenções de que gosa, para impunemente insultar a outros, que estão felloidos de repellido, sob pena de punição, não é mais do que um covarde, um pusilanime, que abusa de sua posição.

Entretanto Sr. Anselmo, mesmo neste terreno pode vir, estamos resignados; soffriremos o castigo da lei, mas a victoria moral será nossa.

Vós porem poncei vos imporaes com a moral, porque esta senhora ha muito que vos abandonou — e é por isto que confiaes tanto em vossos ridiculos sophismas; é que vós, apesar de sacerdote do direito, não tendes consciencia do que é a verdade e a justiça, e por isso suppondes, que, com ardoes e arditosas interpretações, se pode offuscar-lhes o brilho.

O homem que usa do sophisma, não é amigo da verdade, sendo portanto indigno de vestir a toga de juiz.

E' por isso que procuraes abafar a luz, confundindo as provas, embaraçando a meiação de medo que não se possa descobrir a ponta do fio.

Este vosso empenho é justamente que vos denuncia, porque não é possível ignoreis quaes sejam as provas de um crime, que todo mundo sabe serem — os vestigios deixados — o testemunho de pessoas que tem razão de tê-lo presenciado; isto é, d'aquellas que pela sua presença ou proximidade deviam necessariamente ter visto o facto e ouvido as vozes e rumor.

E se o facto se deo na rua Bella, no quartirão comprehendido entre as ruas do Imperador e Riachuelo, quaes as pessoas que o deveriam ter visto, ou ao menos ouvido o barulho?

Certamente os visinhos.

A rua não é tão larga que elles não podessem ver e ouvir o que se passava tão proximo si; alguns podiam estar acordados, e outros ter despertado pelo barulho.

E porque estas pessoas, unicas competentes para terem presenciado o facto, não foram interrogadas na mesma occasião ou logo no dia seguinte?

O que significa este empenho da policia em não querel-as interrogar, e só depois de muitos dias e muitos requerimentos foi que o fez?

Agora vindes dizer que estas testemunhas foram industriadas a proposito.

Mas então, para que destes tempo para isto; porque não foram interrogadas desde logo?

Assim, se houve suborno das unicas testemunhas que podiam ter visto o facto, a culpa é toda vossa.

E como nenhuma razão justifica a obstinação em não se merer inquirir as unicas pessoas competentes para ter visto o facto, segue-se que esta obstinação era proposital e por malicia.

A ma fe portanto, está de vosso lado; nós não crea nos nenhum embaraço ao interrogatorio de testemunhas; entretanto que vós o fizesdes, e com a circumstancia agravante de que as pessoas, cujos depoimentos se procurou impedir eram justamente as que tinham razão de ter visto o facto porque moravam perto.

Logo, o vosso empenho era para occultar, e não para descobrir a verdade.

Por isso é que, em vez de se inquirir estas pessoas unicas competentes para depor sobre um acontecimento havido junto ás suas moradas, andava-se agarrado aqui, acia e além, pe-soas que não estiveram presentes, nem nas proximidades, e que portanto nenhuma razão tinham de saber do facto.

Tanto que todos declaram que não estiveram presentes, mencionando apenas em seus depoimentos os boatos das ruas ou os juizos individuais.

Mas, onde é que já se vio boatos e opiniões individuais servirem de prova á cousa alguma? Quem não sabe, que é até prohibido as testemunhas emitirem juizos e apreciações sobre o facto delictuoso?

Onde já se vio a tão apregoada opinião publica ser tomada para prova de um crime?

Dizei-me vós, que sois juiz: já aceitastes em algum processo a opinião publica como prova do facto criminoso?

Ah! Se a opinião publica fizesse prova, então, triste de vós grande Anselmo! Já teríeis sido apedrejado mais de uma vez.

Assim, podeis sophismar e torcer, como quizerdes, nunca chegareis a provar o contrario disto:—As provas de um crime são os vestigios deixados pelo criminoso, e o testemunho de pessoas que, por estarem presentes ou nas proximidades, tem razão de sabereem do facto.

Ora, estas provas foram encontradas e cabalmente demonstram a existencia do crime.

Como vestigios lá estava o sangue, visto e reconhecido pelas vossas proprias testemunhas; e, apesar de dizerdes que este sangue deveria ser em grande abundancia, ahí estão as opiniões das auctores de medecina—legal, citados em um dos numeros anteriores deste jornal, que affirmam o contrario; dizem elles que o ferimento de bala não verte sangue ou não dá senão pouco.

Como provas testemunhaes ahí estão cinco depoimentos de pessoas que tem razão de saber, visto ter se dado a occorrença junto a suas moradas.

Quanto a primeira prova, a dos vestigios argumentaes com a não existencia de outros, que, sem fundamento, suppondes deveriam existir. *Quid inde?*

Então, porque não ficaram outros vestigios, se deve—desprezar este q' foi encontrado?

Dizeis que o homem não deixou o chapéo, nem o cacé e; grande cousa! Certamente foi porque lembrou-se de levá-los.

Quem não sabe que o maior cuidado do criminoso é não deixar vestigios do delicto, e que é esta justamente a maior dificuldade com que luta a policia?

Não ficaram outros vestigios porque os sicarios são amestrados, foram bem escolhidos e industriados por perito, isto é, por pessoa que está affeita a lidar com provas de crimes e por isso recomendou muito a seus capangas que não deixassem vestigios.

Quanto as provas testemunhaes, dizeis que foram subornadas, mas não o provaes; entretanto, que nós sabemos quees foram as pessoas, que andarão aconselhando as testemunhas, que se recusassem para não se intrigarem com as auctoridades.

Quanto ao amentuado de depoimentos que apresentaes para tudo baralhar, nada provão porque só contem juizos individuaes, que até são prohibidos e não deverião ser tomados; nenhum affirma com fundamento a existencia da farça; dizem todos que nada virão e só acreditam que se ja farça por supposições, porque com nenhum facto ou argumento solido a robustecem.

Quanto ao *milhão e meio* de cartas que tem sido solicitadas, tambem nada tem adiantado a respeito da existencia do facto. A grande maioria d'ellas nem o negão nem o affirma, dizendo que não tem juizo formado a tal respeito; e, se é esta maioria que compõe a opinião publica, devemos concluir, que se não é a nosso favor tambem não é contra nós.

Assim não podeis dizer que a opinião publica tenha o facto como uma farça.

Um pequeno numero d'estas cartas, é certo, affirma ser uma farça, porém sem prova, e por consequente não passa de um juizo temerario.

Em compensação, algumas cartas tambem dizem acreditar na realidade do facto, mas estas não tem tido a hora de serem publicadas.

Demais, nesta enorme distribuição de cartas, excluiram-se as pessoas que se sabia, d'iriam o facto como verdadeiro.—Portanto, estas cartas, por serem documentos graciosos, nada exprimem, não tem nenhum valor.

Quanto ao facto de todas ellas dizerem que não julgão as autoridades superiores capazes d'este attentado, tambem nada significa, porque, alem de ser isto uma delicadeza propria de cavalheiros de educação, não se segue quo só por isto estejam as autoridades izentas de tal crime, pois a historia antiga, media, moderna e contemporanea está cheia de crimes horrosos, attentados inauditos commettidos por pessoas de alta posição e honrosos precedentes que nunca se suppoz, serem capazes de tanto.

Finalmente no artigo da *Imprensa* sob a epigraphie acima, se pretendeo ridicularizar o depoimento de uma pessoa respeitavel, faltou-se com o acatamento devido a uma Senhora de familia!

E' até onde pode chegar o arroj e desvario de Anselmo.

Para atrevido! Respeita o santuario da familia, do contrario passarás pelo

desgosto de ver a tua ser publicamente atassalhada, e então muito negrume, escandalos, mizerias e crimes terão de sair debaixo da cortina que os occulta, e não nos esqueceremos especialmente da triste historia da Sedéa.

Para insolente! Respeita o lar domestico, respeita a vida privada, porque até ahí não deve chegar o homem educado.

Mas, Anselmo, cada vez fica mais louco, coitado! E' por isso que commette estes desatinos.

Para Anselmo, váe botar algum caustico na nuca, e tomar algum calmante.

A ira te exaspera demasiadamente, procura distracções, do contrario podés morrer de um estouro proveniente da raiva concentrada.

Theresina, 10 de Abril de 1883.

H. de Castello Branco.

Fé d'officio, completa, do alferes Herminio de Castello Branco.

Joaquim Antonio Genovez, cavalheiro das Ordens da Roza e Sam Bento de Aviz, Candecorado com a medalha da Campanha do Paraguay com o numero:—3.—Capitão e Commandante da Companhia de Infantaria do Piahy &.

Certifico, em cumprimento ao despacho de Sua Excellencia o senhor Doutor Presidente da Provincia de seis do corrente, exarado no requerimento do Senhor Alferes reformado do Exercito, Herminio de Castello Branco, que o mesmo official tem nesta os assentamentos do thêor seguinte:—Alferes:—Reformado do Exercito:—Herminio de Castello Branco, filho do Major da Guarda Nacional, Miguel Carvalho Castello Branco:—1869:—Assentou praça como voluntario no Depozito Provizio de primeira linha d'esta Provincia, com destino ao primeiro Batalhão de Infantaria, á quinze de Janeiro.—Foi reconhecido primeiro cadete por ter provado ser filho legitimo do Major acima, conforme publicou a ordem do dia da Secretaria da Guerra numero seis centos oitenta e cinco de dezoito de Agosto. Foi incluído no estado effectivo do mesmo Batalhão por ordem superior á dezenove de Setembro. Estando acampado em arecutaguá, embarcou para a Villa do Rozario á vinte e dous. Marchou a sete de Outubro para as Altas Cordilheiras dos Hervaes. Por lembrança do referido Batalhão de dez de Novembro foi transferido para a segunda Companhia do citado Batalhão, como segundo sargento, achando-se a campado junto á margem direita do arroio Capivary, marchou pra o passo Jejuhy-guassú á vinte um affim de reunir-se a força da vanguarda commandada pelo coronel Fidel les Paes da Silva. Feza passagem do arroio Jejuhy-guassú a meia legoa do passo occupado pelo inimigo á vinte e sete, e tomou parte na jornada de vinte e oito de Novembro, a campando no mesmo dia em Iguatini. Baixou a ocospital a treze, e teve alta á vinte e um todo de dezembro, apresentando-se ao Batalhão sem guia:—1870:—Foi nomeado alferes em commissão a dous de Janeiro em virtude da lembrança do Quartel General do Commando em chefe da mesma data; pelo que passou para o numero de aggregados por ser official inferior. Baixou ao hospital a doze, alta a dezeses tudo de Março. Passou a fazer serviço no Corpo de Depozito a sete, como fez publico a lembrança do Batalhão da mesma data, e por lembrança do commando das forças do sul de manduvirá a dezeis, tudo de Abril, reverteo ao Batalhão. Embarcou com o Batalhão a dezeis, e desembarcou em Santa Catharina á vinte e oito todo de Maio; reembarcou com o referido Batalhão de Santa Catharina a sete, e desembarcou na Côte ano-ve tudo de Junho. Sendo alferes de commissão nomeado pelo General em Chefe na Guerra do Paraguay em virtude do artigo terceiro da Lei numero mil oco centos quarenta e trez de seis de Outubro, passou a ser considerado como se graduado fosse por se achar comprehendido nas disposições do artigo. Por portaria do Ministerio da Guerra de doze, Communicado em officio da Repartição de Ajudante General sob numero dezoenove mil quatrocentos vinte e um de quatorze todo de Outubro, obteve quatro mezes de licença para tratar de seus interesses na Provincia do Piahy, abonando-se-lhes apenas soldo simples nós dous primeiros mezes, e considerando-se o resto como licença resgistrada. Pela ordem do Dia á Guarnição sob numero setecentos noventa e sete de dezoito foi accepta a dezistencia que fez do resto da licença como publicou a lembrança do citado Batalhão de dezoenove tudo de Novembro.

Passou adoente no Quartel adoze Baixou ao hospital adoze, e teve alta a quatorze tudo de Dezembro:—1876:—Por portaria do Ministerio da Guerra de dezeses publicada em ordem do Dia á guarnição numero oitocentos setenta e cinco de dezoito, foi transferido d'aquelle Batalhão para esta companhia e ficou por isso á addido até que seguisse a seu destino, o que foi publico em lembrança do supracitado Batalhão de dezoenove tudo de Janeiro. Preço atreze por emporcalhar a caza da Ordem: solto a quatorze tudo de Fevereiro. Por officio da Repartição de Ajudante General numero trez mil setecentos e trez de vinte e sete de Fevereiro e lembrança do Batalhão da mesma data foi desligado affim de reunir-se a esta Companhia. Apresentou-se á vinte e nove de Março, sendo incluído na qualidade de primeiro cadete primeiro sargento, commisionando no posto de alferes cazou-se a seis de Maio com Dona Clarinda Benvida Castello Branco.

(Continúa)

Mofina.

Não pode, e nem deve, permanecer nos escondrijos do quartel de linha desta capital a escandalosa extorção das gratificações dos voluntarios do Exercito, e miungado soldo de muitas outras praças.

E' preciso que o publico a conheça para estigmatizar tão criminoso procedimento, e S. Exc. o Sr. presidente da provincia, para tomar providencias energicas, em ordem á punir es delinquentes, restabelecendo a moralidade.

As pobres praças vêem passar para os bolsos do feliz negociante Lino Rodrigues Costa, seus soldos e gratificações sem que, ao menos, lhes passem pelas mãos; e o tem r da *solitaria* impõe-lhes o silencio!

Pobres ho-nens, que assim fazem o sacrificio de sua liberdade em favor de outrem... porque o seu commandante, protector legal, é quem ordena o desconto, que, immediatamente, faz com a melhor vontade o alferes, João Miguel Mendes, caxeiro encarregado da cobrança do Sr. Lino Costa.

O commandante da companhia, como ordena esse desconto, commette uma grave falta, e é responsavel pela extorção...

Ainda ha outras cousas mais graves. Publique-se, que me responsabilizo, na forma da lei.

Theresina, 8 de Março de 1883.

Antonio Ribeiro Soares.

CHRONICA SEMANAL

Presidente.—No dia 5 do corrente mez assumio a administração desta provincia, o nosso illustre com provincialiano o Exm. Sr. Dr. Firmino de Souza Martins—Desejamos a S. Exc. um feliz governo.

Conego Honorio Saraiva—Chegou, hontem, da capital do Maranhão este illustre sacerdote. Elle es á encarregado da freguezia de Nossa Senhora do Amparo desta cidade. As virtudes e saber do distincto Piahyense são titulos que o recommendão a estima publica.

Parabéns aos parochianos d'aquella freguezia, que vão ter um Pastor intelligente e zeloso nos cumprimentos dos seus deveres.

Comprimntamos, fraternalmente, a S. S. Revm.^a a quem da coração desejamos vida feliz.

Frei Serafim.—Regressou, hontem, da viagem, que emprehendera ao sul da provincia, esse venerando sacerdote, a quem apresentamos os nossos respeitos.

Chegada.—Acha-se entre nós com sua Exm.^a familia o nosso particular amigo, Dr. Ricardo José Teixeira, muito digno Juiz Municipal da comarca de S. Francisco, na provincia do Maranhão. Ao illustre cavalheiro comprimntamos com respeito e amizade.

ANNUNCIOS

Loteria do Ypiranga

3.^a Serie.

Ainda existem alguns bilhetes d'esta grande Loteria em casa de João da Cruz & Irmão.

4 de Aril de 1883.

—Mariano Gil Castello Branco tendo muito breve de retirar-se temporariamente, para o Rio de Janeiro, previne as pessoas com quem tem negocios que os venham liquidar.

Theresina, 28 do Março de 1883.

Um bom livro.

Nesta typographia, e nos estabelecimentos commerciaes dos Srs. Raimundo Antonio de Farias, á rua do Paysandu—José Antonio de Sant'Anna—Praça Saraiva, vende-se o catholicismo da Diocese.

1 volume encad. 1\$000

—Marcellino Borges Ferreira Castello Branco, encarrega-se de receber nas repartições publicas desta cidade os ordenados dos empregados publicos do interior, mediante a gratificação de 3 0/0; assim como de prestar fianças de collectores perante as mesmas repartições, solicitar patentes, titulos de nomeações, de licenças, aposentadorias & percebendo por esses serviços as gratificações já estabelecidas por outras pessoas.

O annunciante previne a seus comitentes que não adianta dinheiro para as despezas de fianças, titulos e patentes.

(5)
Theresina, 24 de Fevereiro de 1883

Livros de Preparatorios.

Sortimento completo.

- Manual para Missa;
- Horas Mariannas;
- Encardernações finissimas.
- Papel pautado para musica;
- Traslados para as escolas.

Vende-se.

Na Livraria Economica.—Esquina do Collegio de N.S. das Dores.

PHARMACIA PEDROBIRA

Para cura de asthma.

- Cigarros de stramonio—
- Ditos de canhamo indiano—
- Papel Giekel—para fumigações—

- Bombas para tirar leite—
- Collares electro—vorticos e magneticos—

- Lencetas fiavel—
- Machinas e copos para ventosas—
- Siringas de Pravaz—
- Fundas simples e duplas—

Grande sortimento de tintas, pinceis, breu, alcool, salitre, enxofre, gomma lacre, lixas, colla, papeis de cores &.

Preços resumidos, mais barato do que em qualquer outra parte.

Rua Grande n.º 15.

Theresina—Praça Saraiva—1881.